

05/07/2017 às 05h00

Os riscos para a recuperação mundial

Por **Martin Wolf**

O Banco de Compensações Internacionais é o relógio parado das instituições econômicas internacionais. O BIS já defendeu apertos monetário e fiscal, quer faça sentido, ou não. Felizmente, as autoridades econômicas, ou pelo menos os bancos centrais que são membros do BIS, ignoraram a aparente convicção de que o mundo precisava de uma recessão ainda mais profunda e prolongada.



Agora, porém, precisamente porque os bancos centrais **sabiamente ignoraram** os conselhos, finalmente se chegou uma recuperação sincronizada. Então, será que o mais recente relatório anual do BIS está dando novamente a hora certa, como aconteceu nos anos anteriores à crise?

Vale lembrar como o BIS posicionou-se erroneamente no passado. Em junho de 2010, quando, como sabemos agora, vivíamos muito concretamente os danos pós-crise, o BIS já afirmava que "chegou o momento de perguntar

Mensagens dos leitores

BNDES

A respeito do artigo do professor Castello Branco, "Qual o papel do BNDES?", publicado na edição de ontem, o banco errou em aceitar as pressões dos governos de Dilma e Lula e se agigantar na concessão de crédito para os tais campeões nacionais.

7/6/17, 9:39 PM

quando e como essas medidas poderosas podem ser gradualmente revertidas". Oh não, o momento ainda não tinha chegado. Havia chegado o momento de agir de forma mais agressiva para acelerar a recuperação e assim limitar o dano da crise no longo prazo. A necessidade, naquele momento não era eliminar o estímulo monetário e fiscal, mas fortalecê-lo. A recuperação fraca é, em boa parte, uma consequência dessa falha.

No entanto, agora as coisas parecem diferentes. Como disse Catherine Mann, economista-chefe da OCDE, as coisas estão "melhores, mas não estão suficientemente boas". O clube de economias desenvolvidas com sede em Paris, assim como a maioria dos analistas, espera uma modesta recuperação no crescimento mundial neste ano e no próximo. A esperança é que este será o início de um aquecimento sustentado, no qual o fortalecimento do investimento e um crescimento mais rápido da produtividade manterão a inflação sob controle. Mas, por ora, trata-se apenas de esperança. Então, quais riscos espreitam a recuperação?

Um risco óbvio é que o aperto monetário será muito rápido, mesmo nos EUA, que dirá na zona do euro. A pressão inflacionária permanece notavelmente contida. Mesmo o BIS, sempre excessivamente preocupado, concorda que o ressurgimento da inflação não é um grande risco. Isso se deve em parte à globalização, que intensificou consideravelmente as pressões competitivas.

Outro risco é financeiro. Como observa Jaime Caruana, gerente-geral do BIS: "Em algumas economias avançadas menores e em economias de mercado emergentes, os booms financeiros prolongados ficaram mais moderados ou se transformaram em períodos de esfriamento econômico. E em todo o mundo a dívida está em níveis recordes: em 2016, o estoque de dívida do setor não financeiro nas economias [do grupo de 20 países] ficou em torno de 220% do PIB, quase 40 pontos percentuais acima do de 2007". Uma característica marcante é o crescimento notadamente rápido do crédito e da dívida na China.

O perigo final e,

Warren Buffett disse: "Somente quando a maré baixar, descobriremos quem estava nadando nu". À medida que as taxas de

Mas isso não é justificativa para que ele seja desmantelado e praticamente destruído, fazendo com que...

06/07/2017 às 05h00 - Saulo A. Ignácio -

Kroton

A entrevista com o presidente do Cade, Alexandre Barreto de Souza, na edição de 3 de julho, página A6, quando se refere ao caso Kroton, cita que "a concentração ao final, de acordo com as empresas, ficaria abaixo dos 20".

Esta alegada concentração não é aquela relevante para análise do Cade e junta maçãs com laranjas. O Cade e os especialistas do...

06/07/2017 às 05h00 - Eduardo Pontual Ribeiro -

Ver todas | Envie sua mensagem

Opinião

Últimas Lidas Comentadas Compartilhadas

O futuro da indústria 
05h00

De que estatais precisamos? 
05h00

Maduro retira o pouco poder que restava às oposições 
05h00

possivelmente o maior, é um colapso na cooperação mundial, talvez até a irrupção de um conflito. Isso destruiria a estabilidade da economia mundial de que todos dependem e a estabilidade de toda a ordem mundial

juros subirem, os riscos financeiros se cristalizarão. Contudo, há razões para otimismo nesse aspecto: o núcleo do sistema financeiro ocidental está muito mais bem regulamentado e capitalizado do que em 2007; as autoridades chinesas podem estabilizar seu sistema financeiro, se necessário; não se vê um boom mundialmente significativo impulsionado por crédito, exceto na

China; e, finalmente, apesar de os preços de ações altamente valorizadas poderem cair, isso não causaria, por si só, uma crise no sistema de crédito. Se existe um risco financeiro, é provável que esteja em dívida pública, talvez na zona do euro.

Outro perigo é a renovada fraqueza da demanda agregada. É nisso que, algo surpreendentemente, o BIS se concentra. Mas enquanto a inflação continuar contida, permanecerá uma margem de manobra monetária e fiscal. Evidentemente, isso também argumenta contra um aperto monetário prematuro. Primeiro, estabeleçamos um forte impulso para a frente.

O perigo final e, possivelmente o maior, é um colapso na cooperação mundial, talvez até a irrupção de um conflito. Isso destruiria a estabilidade da economia mundial de que todos--inclusive, embora não o saibam, nacionalistas e protecionistas - dependem. Na verdade, isso poderia destruir a estabilidade de toda a ordem mundial. Não há dúvida de que, como observa o BIS, "evidências estatísticas formais, observação pontuais e pura lógica indicam que a globalização tem sido uma força importante que impulsiona o crescimento mundial e fortalece padrões de vida mais elevados".

Mas, como diz Mann com razão, esse progresso indubitável coincidiu com crescente desigualdade, concentração de perdas de emprego no nível de capacitação mediana e declínios acentuados do emprego na indústria de transformação nas economias de alta renda. Isso, por sua vez, tem, entre outras coisas, resultado no protecionismo que estamos vendo, especialmente nos EUA.

Banindo o óleo pesado do Ártico 🔑
05h00

Ver todas as notícias

Videos



Meirelles busca diluir preocupação com velocidade da retomada da economia
07/04/2017



Um colapso das ordens política e econômica mundiais poderia causar enormes danos. A suposição, evidente nos mercados, de que tais ações seriam "repletas de som e fúria, desprovidas de significado" parece incrivelmente despreocupada. É perfeitamente possível que nada importante aconteça. Mas é também possível que o frágil espírito de cooperação governado por regras simplesmente desapareça da noite para o dia.

Nós, nos países de alta renda, permitimos que o sistema financeiro desestabilizasse nossas economias. Depois, nos recusamos a empregar vigorosamente um estímulo fiscal e monetário para emergir rapidamente do mal-estar econômico pós-crise. Não conseguimos reagir às divergências nas fortunas econômicas dos bem-sucedidos e menos bem-sucedidos. Foram erros enormes. Agora que as economias se recuperam, enfrentamos novos desafios: evitar a explosão da economia mundial, garantindo um crescimento amplamente compartilhado e sustentável.

Infelizmente, parece que provavelmente não superaremos esse conjunto de desafios. O BIS fala, com sensatez, sobre construir resiliência. Uma parte disso está em garantir que o crescimento se torne menos dependente da dívida. No entanto, essa é apenas uma das maneiras pelas quais precisamos tornar nossas economias mais eficazes e politicamente legítimas. Se não reagirmos a essas dificuldades estruturais, é improvável que a recuperação venha a ser forte ou duradoura.

A fase de pós-socorro está, finalmente, bastante próxima. É hora de reforçar o que foi bom e reformar o que não foi. **(Tradução de Sergio Blum)**

Martin Wolf é editor e principal analista econômico do FT



Tweet



0



